

DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Hucitec, 2007. 359 páginas.

Rosângela Duarte Pimenta*

O livro *Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França* de Arlei Damo foi originalmente uma tese de doutorado em Antropologia, tese esta que recebeu duas premiações importantes: melhor tese de doutorado pela ANPOCS e melhor tese nas áreas de antropologia e arqueologia pela CAPES. As premiações fazem jus a um extenso trabalho de pesquisa e a uma profícua análise sobre a formação de jogadores de futebol em duas realidades sócio-culturais diferentes: no Rio Grande do Sul e em Marselha, além de observações pontuais em outros estados e províncias.

A extensão do trabalho de campo pode ser medida pelos leitores ao longo dos dez capítulos, quase um time de futebol (só pra não perder a homologia). Neles Damo passeia com segurança e propriedade por temas como: futebol de rua, centros de treinamento, torcedores, clubismo, dom/talento e dom/dádiva, gênero e masculinidade, empresários e olheiros; dentre outros. À primeira vista essa extensa gama de temáticas pareceria um exagero, pois embora sejam temas relevantes para estudos sobre futebol, um leque tão amplo poderia fugir ao eixo da análise proposta pelo autor, qual seja, o estudo dos dispositivos utilizados na formação/produção de futebolistas. Ledo engano: vê-se que Damo articula essas temáticas de forma instigante, desvelando aos leitores uma rede intrincada de fios que, se analisados separadamente, impediriam a compreensão de todo o processo de formação de pés-de-obra. Assumir os riscos de tal empreitada é a meu ver um dos grandes méritos do livro.

A introdução apresenta ao leitor que “o processo de formação dos futebolistas está no centro dos interesses” (p. 22) do livro, mas avisa em seguida que esse processo envolve diversos elementos como os

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

acima citados, e que os dez capítulos visam relacionar essa totalidade de elementos. Para atingir esse objetivo, Damo fez uma pesquisa de campo que não ficou restrito aos centros de formação e treinamento das categorias de base dos clubes pesquisados. Das observações dos guris da rua Leão XIII, passando pelo “*surveys* das profissões” o autor busca diversas chaves para compreender e desmitificar crenças acerca do “talento inato” do brasileiro para a prática do futebol. Embora seja importante para entender o processo de formação dos futebolistas, compreender como meninos (e também meninas) adquirem as técnicas elementares dessa prática esportiva, bem como eles e elas significam a profissão de jogador, o fundamental do trabalho de campo será realizado nos centros de treinamentos de clubes de primeira divisão do futebol brasileiro e francês.

O Sport Club Internacional, clube gaúcho conhecido nacionalmente, fornecerá os principais dados empíricos para a análise. Seja porque foi espaço em que o pesquisador esteve presente por mais tempo e de forma mais intensa – outubro de 2001 a dezembro de 2002, conseguindo uma imersão que foi além dos treinamentos físicos e técnicos, chegando a integrar a delegação em dois importantes torneios da categoria juvenil, o que lhe garantiu acesso aos momentos que antecedem os jogos, assegurando-lhe trânsito a locais reservados aos atletas, as comissões técnicas (*staff*) e dirigentes, como vestiário – com seus rituais e preleções, as viagens de ônibus, possibilitando ao pesquisador vivenciar momentos de intensa sociabilidade com os jovens jogadores. Na França, Damo acompanhou a rotina de treinamentos dos jogadores em formação do Olympique Marseille, durante quatro meses. Além de ter feito incursões no FC Nantes, onde conheceu membros do *staff* do Athletic Club, da cidade de Bilbao na Espanha, clube conhecido por contratar apenas jogadores da região basca.

Ainda na introdução o autor indica os dois capítulos que são fulcrais no livro – “do ponto de vista mais teórico”, o capítulo I intitulado “A diversidade futebolística e a dinâmica das emoções na versão espetacularizada” e o capítulo 6 “O espectro do dom”. Este último cumpre a promessa de atualizar e debater questões acerca dessa categoria tão importante para a antropologia. Damo põe Mauss e Levi-Strauss em debate com as categorias nativas de dom, não para que a teoria asfixie o empírico, mas para problematizar e refletir criticamente as definições e indefinições do dom. Assim, percorre habilmente pelos diversos sentidos atribuídos ao conceito nativo de dom,

condensando essa polissemia em dois eixos: o dom como sinônimo de talento e o dom como sinônimo de dádiva. Se nos dois aparece a noção de predisposição inata, na segunda acepção aparece também como herança, seja pela natureza (genético), seja por uma divindade (Deus). Grosso modo, o portador do dom/talento é esquadrihado por uma gama de saberes para aperfeiçoá-lo, o herdeiro do dom/dádiva “torna-se o centro dos interesses de uma configuração social de pequena escala aqui definida como entourage” (p.186), formada principalmente por familiares e amigos, o dinheiro advindo do dom é distribuído entre a entourage – argumento polêmico do autor, que contrasta com o senso comum de que o jogador de futebol “não sabe administrar” os ganhos econômicos da profissão.

Porém, a contribuição maior de Damo para reflexão acadêmica dar-se-á no trato das categorias nativas e teóricas, buscando uma reflexão que não percorra atalhos sedutores, como a conclusão que o dom estaria em vias de extinção, pelo fato dos formadores preferirem a palavra “talento” – pois esta estaria seria uma expressão mais secularizada – e recusarem o uso do dom, ou pior ainda, que o intangível e residual presentes na noção de dom, expressos em termos como “algo”, “jeito”, “isso”, “o jeito dele correr” ou é “preciso que eles tenham algo neles”, possam ser diluídas em categorias teóricas como *habitus*, liquidando a rica polifonia do uso nativo do dom. Certamente, o longo tempo de inserção no campo ajudou Damo a escapar dessas armadilhas.

O importante é reter que “a força do dom reside na crença dos grupos que o reconhecem e o manipulam” (p.186). A formação dos pés-de-obra, investimento sobre o sujeito a quem se reconhece o dom, poderá ser melhor compreendida se atentarmos para dois aspectos fundamentais: o futebol de espetáculo e o clubismo. Segundo Damo, boa parte da produção acadêmica ignora a diversidade das práticas esportivas, centrando-se na versão espetacularizada, o futebol não escapa dessa redução, ao contrário. Talvez por isso o autor inicie o primeiro capítulo construindo uma tipologia de quatro tipos de matrizes futebolísticas: bricolagem, comunitária, escolar e espetacularizada. Damo ressalta que esta classificação não deve ser encarada como um fim em si mesmo, mas como um recurso estratégico. No decorrer do livro, o autor transita entre três desses tipos, destacando-se a matriz bricolada retomada no capítulo 7, a partir de um grupo crianças e pré-adolescentes da rua Leão XIII, buscando estabelecer as relações entre a rua e o futebol

para refletir sobre a aquisição de técnicas corporais em um espaço avesso à institucionalização e como o gênero é engendrado a partir do futebol, bem como um dado modelo de masculinidade é construído. Um dos riscos que Damo assumiu nessa tipificação foi justamente apressar algumas conclusões das matrizes bricolada e comunitária, sem a devida investigação empírica, o que leva a algumas conclusões que precisam ser relativizadas e questionadas, tal como “os times de várzea tem um dirigente, um técnico e um massagista” ou “não deve causar surpresa se centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se um atleta que atuava na ponta-direita, e fora substituído antes do intervalo, reaparecer como beque-de-espera nos minutos finais” (p.45). De toda forma, mesmo com algumas lacunas na tipificação proposta, e com a devida ressalva que esta não é uma classificação estanque, Damo põe em destaque a diversidade das práticas dos futebolis em nosso país.

“A dinâmica das emoções na versão espetacularizada” apresenta, ainda no capítulo 1, o clubismo como um sistema simbólico, pois para o autor o clubismo se caracteriza como um totemismo moderno. O sentimento de pertencimento a um clube quase sempre é herdado de familiares do sexo masculino, mais que torcer é preciso pertencer a um clube e mais que escolher é ser escolhido por este, quase sempre via os laços parentais. Esse sistema de pertencimentos aciona determinadas condutas e atitudes, principalmente no ódio ao clube rival e a participação em uma rede de relações jocosas entre esses mesmo rivais. Damo ressalta que o clube é maior que o time, este se caracteriza por ser transitório, enquanto o clube é imutável, tanto quanto os laços de pertencimento, por isso mesmo é possível xingar, vaiar, ridicularizar e protestar contra o time que representa o clube, e portanto, contra os jogadores. Por isso também que o processo de formação dos futebolistas engloba o enfrentamento com o “seu” público, e a demonstração de valores permeados pela honra, raça, dedicação, entrega, força, virilidade, coragem, suor, sangue são apreciadas e esperadas por aqueles que representam o clube, além, claro, de uma performance vitoriosa.

A formação dos futebolistas ultrapassa, como é possível perceber, os manuais e livros de treinamentos físicos e técnicos, mas vai muito além disso: é preciso adquirir capitais futebolísticos que sejam apreciados pelo público e, conseqüentemente, pelo mercado. A noção de capital (futebolístico e simbólico) é retirada do pensamento bourdiano, bem como a noção de campo. Segundo Damo, visa superar os limites dos termos dom e talento, e também

para questionar duas ilusões: que dom não seja passível de manipulação e que apenas os aspectos biológicos determinam ou não o sucesso da carreira profissional.

Em sentido amplo, os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação, o que inclui desde o reconhecimento do talento – por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer – até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no campo profissional, o que requer a posse de outros capitais, dentre os quais o capital simbólico está em primeiro plano (p.112)

Os centros de formação de jogadores profissionais são os locais *autorizados e legitimados onde o capital futebolístico é forjado, almejado, medido, manipulado*. Damo destaca as semelhanças e diferenças desses centros no Brasil e na França. Grosso modo, as diferenças não se encontram nos usos de tecnologias ou de técnicas, mas, sobretudo, na procura/oferta de garotos dispostos a terem seus corpos investidos e também na ausência do Estado e de entidades reguladoras, como a CBF, no caso do Brasil, e na presença destes na formação francesa. No Brasil, o período de formação de pós-de-obra demanda um investimento de aproximadamente 5.000 horas distribuídas ao longo de dez anos – esse período, às vezes, é abreviado, quando os jovens ascendem de uma categoria a outra pulando etapas, por exemplo, do juvenil direto para o profissional, sem passar pelo juniores. É um longo processo que inclui na sua maioria desterritorialização dos garotos, longas sessões de treinamento (descritos com acuidade nos capítulos 8 e 9, com inserções também nos capítulos 4 e 5), preparação para os jogos, viagens, concentração, lesões, jogos, competições etc. Um processo extenso e desgastante para adolescentes, a maioria egresso das classes populares, que investem no sonho de se transformarem em jogadores profissionais. Mas a realidade é quase um pesadelo para esses garotos: muitos não conseguem nem mesmo entrar no processo formativo e a maioria dos que conseguem são excluídos sem nem alcançarem a categoria profissional; por exemplo, em 2004 foram testados 550 jogadores no Sport Club Internacional e apenas 14 foram aprovados. Um número altíssimo de jovens que ficam excluídos de um mercado interno sem expansão, dada a estabilidade do clubismo no Brasil. O que coloca a questão da reconversão, pois os capitais futebolísticos praticamente só têm utilização nesse mercado. O problema é ainda maior no

Brasil, onde a formação escolar não é vinculada à formação esportiva como na França, assim a maioria dos garotos que tentam se profissionalizar como jogadores no máximo concluem o ensino fundamental, e quase sempre o fazem através de um curso supletivo.

O livro de Arlei Damo rompe com algumas crenças que se forjaram no futebol, uma delas diz respeito aos altos salários, pois, como mostra a partir de diferentes fontes de dados, os grandes salários representam uma pequena minoria dos jogadores profissionais. Outra crença diz respeito ao *glamour* da profissão que seria marcada pela emoção dos rituais dos jogos, mas que contrasta com o trabalho repetitivo, monótono e mecânico dos treinamentos, das disputas e conflitos internos. Os dados também relativizam o Brasil como “celeiro de craques”, crença que encobre aspectos relevantes do mercado globalizado: nossos pés-de-obra são mais baratos e quase não há regulamentação ou fiscalização de agentes estatais e privados, além disso a exportação de jogadores em números proporcionais à população brasileira, coloca o país atrás de Senegal, Argentina, Camarões e França.

Há outros temas importantes que poderão ser encontrados no livro, como, por exemplo, a construção dos três tipos ideais de modelos de formação (endógeno, exógeno e híbrido) apresentados por Damo, ou as relações estabelecidas através dos mercadores do dom, leia-se agentes e empresários. O estilo envolvente e fluído de análise é outro aspecto positivo do livro, porém ensejaria uma melhor abordagem de alguns conceitos utilizados, pois se o dom e a dádiva foram alvos de uma reflexão mais acurada, não é possível dizer o mesmo de conceitos igualmente importantes para o desenvolvimento dos argumentos, como foi o caso de *habitus*, configurações e mesmo o conceito de capital. Estes não são conceitos unívocos, e foram apresentados ao leitor de forma breve, como se houvesse um consenso sobre eles. O leitor perceberá também que embora alguns conceitos apareçam logo no início do livro, alguns destes somente serão abordados com mais precisão no penúltimo capítulo, como o conceito de configurações sociais de Elias; outros, um pouco antes. De qualquer forma são utilizados na argumentação antes de serem apropriadamente apresentados, o que creio prejudique um pouco a exposição, mas que não invalidam o excelente trabalho do autor. A leitura do *Dom à Profissão* é obrigatória – e, sobretudo, prazerosa – não apenas para pesquisadores e estudiosos, mas por todos aqueles que se interessam pelo futebol.